

QUANDO A TERRA E A ARTE SE ENCONTRAM: DIÁLOGOS ENTRE ARTE, NARRATIVA, FORMAÇÃO ESTÉTICA NA CONSTITUIÇÃO DE UMA PROFESSORA-ARTISTA

WHEN EARTH AND ART MEET: DIALOGUES BETWEEN ART, NARRATIVE, AND AESTHETIC FORMATION IN THE CONSTITUTION OF A TEACHER-ARTIST

 <https://orcid.org/0000-0002-8507-6658> Francisca Paloma Almeida Vital^A
 <https://orcid.org/0000-0002-4140-3864> Luciane Germano Goldberg^B

^A Secretaria Municipal de Fortaleza (SME), Fortaleza, CE, Brasil

^B Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Recebido em: 07 out. 2025 | Aceito em: 29 out. 2025

Correspondência: Francisca Paloma Almeida Vital (almeidavpaloma@gmail.com)

Resumo

Como nos tornamos professores(as)-artistas? Esse questionamento, atravessa a escrita deste relato que é um desdobramento da minha pesquisa de dissertação, defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) do Instituto Federal do Ceará (IFCE), que tinha como objetivo compreender os atravessamentos da arte e da dimensão estética no processo formativo das professoras de Educação Infantil, da infância à docência, através de narrativa (auto)biográfica, tendo como aporte teórico Josso, 2004 e Pineau, 2010. Nessa perspectiva, foi imprescindível pensar a arte, no enlace com a dimensão estética, como uma linguagem capaz de criar uma ruptura no tecido da normalidade, ao acolher e valorizar a sensibilidade, a delicadeza, a criatividade e a expressividade dos seres humanos. Foi esse fio que estabeleceu uma trama com a produção de tintas à base de terra, metáfora para a minha constituição de professora-artista, que dialoga com minha narrativa autobiográfica, tendo como recorte temporal o período da docência com bebês.

Palavras-chave: Formação estética. Narrativa (auto)biográfica. Geotintas.

Abstract

How do we become teacher-artists? This question permeates the writing of this account, which is an offshoot of my dissertation research, defended in the Graduate Program in Arts (PPGARTES) at the Federal Institute of Ceará (IFCE). The research aimed to understand the intersections of art and the aesthetic dimension in the formative process of Early Childhood Education teachers, from childhood to teaching, through (auto)biographical narrative, drawing on theoretical frameworks from Josso, 2004, and Pineau, 2010. From this perspective, it was essential to consider art, in its connection with the aesthetic dimension, as a language capable of creating a rupture in the fabric of normality by embracing and valuing the sensitivity, delicacy, creativity, and expressiveness of human beings. It was this thread that established a plot with the production of earth-based paints, a metaphor for my development as a teacher-artist, which dialogues with my autobiographical narrative, taking as a time frame the period of teaching infants.

Keywords: Aesthetic training. (Auto)biographical narrative. Geotints.



Um convite para o diálogo ...

*“Uma pedra lançada em um pântano
provoca ondas na superfície da água,
envolvendo em seu movimento,
com distâncias e efeitos diversos,
os gólfões, as taboas (plantas subaquáticas)
e o barquinho de papel.
Os objetos que estavam ali por conta própria,
na sua paz ou no seu sono,
são chamados para a vida,
obrigados a reagir, a se relacionar.
Outros movimentos invisíveis
propagam-se na profundidade
em todas as direções,
enquanto a pedra precipita
agitando as algas,
assustando os peixes,
causando sempre novas
alterações moleculares.
Quando toca o fundo, revolve a areia,
encontra objetos ali esquecidos,
desenterrando alguns e
recobrando outros.
Em um tempo brevíssimo,
inúmeros eventos sucedem-se
sem que possamos registrá-los”.*

Gianni Rodari

Este relato é um desdobramento da pesquisa de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) do Instituto Federal do Ceará (IFCE), que tinha como objetivo compreender os atravessamentos da arte e da dimensão estética no processo formativo das professoras de Educação Infantil, da infância à docência, através de narrativa (auto)biográfica (Vital, 2025).

Ao costurar os fios desta escrita com a temática proposta pelo dossiê, tenho a intenção de dar visibilidade à pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação como um campo de investigação, que dá a quem narra, a possibilidade de refletir e de tomar consciência sobre o vivido, tendo como fio condutor a narrativa da produção de geotintas em diálogo com a arte e a formação estética, como esse processo formativo, sensível, poético e reflexivo que me constituiu professora-artista.

Nesta perspectiva, eleger a terra como elemento criativo, artístico e estético que provocou em mim uma reconexão com a minha história de vida, com a natureza e com a cultura

ambiental, de modo que me reconheço novamente como parte integrante e interdependente da natureza.

Molhar a terra para enxergar os pigmentos

Figura 1 – Escolher o pigmento.



Fonte: Vital, 2025.

Torna-se imprescindível pensar a arte, no enlace com a dimensão estética, não como um mero acessório ou algo banal, mas como uma linguagem com conhecimentos que acolhe e valoriza a sensibilidade, a delicadeza, o afeto, a criatividade e a expressividade de crianças e docentes. Pensar em/sobre arte é criar uma ruptura no tecido da normalidade, oportunizando encontros, relações e aprendizagens, uma vez que se transforma ao afetar e ser afetada pelo mundo, de modo que essas relações podem criar um “ambiente estético, amável e habitável” (Hoyuelos, 2020).

Essa ideia dialoga com o pensamento de Barbieri (2021) ao considerar que a arte não seja redentora, mas uma possibilidade, junto com outras áreas do conhecimento, de sair dessa “fazeção”, visto que é um aspecto expressivo importante, uma possibilidade de elaborar o mundo e de aprender (Barbieri, 2021).

Nesta costura, quando refletimos sobre o conceito da palavra estética adentramos na etimologia que “vem do grego clássico “aisthesis””, referindo-se a conhecimento sensível, através dos sentidos, das sensações” (Martins, 2011, p.312) e que é contrária à anestesia. Desse modo, a estética me parece um emaranhado de fios que tecem conceitos, sentidos, princípios e valores que atravessam diversas áreas do conhecimento. Todavia, a definição desse termo multifacetado não se limita à apresentação de algo ou ao belo (uma questão que continua sendo abordada) ou às artes em específico, mas diz respeito às mais diversificadas experiências que

confrontam o nosso olhar, os nossos saberes, as nossas sensações e as nossas percepções (Vital, 2013).

O antropólogo Gregory Bateson (1986, p. 16) destaca que o conceito de empatia está relacionado com a experiência estética do humano, de modo que “com a palavra estética quero me referir à sensibilidade em relação ao padrão que liga” que conecta as coisas. A artista plástica Stela Barbieri, por sua vez, enfatiza que a “estética revela cuidado e cultivo de uma presença viva” (Barbieri, 2021, p.13). O psicólogo Ugo Morelli (2024, p.125) a estética é como um “universo de sinais expressos pelo mundo que chegam até nós”. É evidente que a dimensão estética se relaciona intrinsecamente com a arte, “ainda que, em suas origens conceituais, a estética se consubstancie, com mais abrangência, para além da arte” (Motta, 2022, p.74).

Para algumas pessoas, estética, é criar desenhos em aquarela, arquiteturas fantásticas (obras de Gaudí e Oscar Niemayer), músicas, poemas, esculturas, sonetos de amor, para outras é a fórmula de Euler (equação matemática famosa por sua beleza), um registro fotográfico das galáxias captadas pelo telescópio espacial Hubble, apreciar o nascer do sol ou observar o espiralar dos ramos das trepadeiras se entrelaçando no caramanchão (Vital, 2023). Para Hoyuelos (2020, p.33) a estética “se afasta das convenções dos procedimentos práticos e intelectuais [...] que propõe uma continuidade entre experiência estética e experiência vital”.

Quando eu penso sobre o conceito de estética, definiria como uma espiral que parte de um ponto que muitas vezes, nasce de uma inquietação ou de uma pergunta que a razão não se pode explicar, e vai se expandindo e alargando à medida que se experiencia transformações e situações singulares de maravilhamento, estupor e deslumbramento, causando *uau* em quem se deixa ser atravessado pela experiência.

Ainda sobre a dimensão estética a atelierista italiana Veia Vecchi enfatiza que é complexo definir um conceito sobre essa dimensão, mas pensa que se trata,

[...] de uma atitude cotidiana, uma relação empática e sensível como um entorno, um fio que conecta e liga as coisas entre si, um ar que faz preferir um gesto a outro, a selecionar um objeto, a escolher uma cor, um pensamento, escolhas nas quais percebem-se harmonia, cuidado, prazer para a mente e para os sentidos” (Vecchi apud Hoyuelos, 2020, p.11).

Compreendo que essa dimensão se constitui como um aspecto estruturante para pensar uma didática na Educação, sustentada pelos princípios da democracia e da participação, assim como uma possibilidade na construção de sentidos para a prática pedagógica docente, de modo que essas ações se tornam experiências quando revelam para o sujeito que as viveu uma

consciência de transformação, de temporalidade, de crenças, de atitudes, de responsabilidades e um tensionamento crítico, criativo e reflexivo.

Criando intimidade com a matéria

Figura 2 – Macerar a terra-barro. Processo de produção de geotintas.



Fonte: Vital, 2025.

Ao amolecer as estruturas da terra já sedimentadas, propondo reflexões e caminhos que entrelaçam o campo da Educação com o campo da Arte, possibilitou compreender a complexidade em torno de uma pesquisa em artes, na qual segundo a pesquisadora Sandra Rey (2002, p.125), “é aquela realizada pelo artista-pesquisador a partir do processo de instauração de seu trabalho [...]”.

Os pesquisadores Marín-Viadel e Roldán (2012) destacam que para utilizar uma Pesquisa Educacional Baseada em Artes (PEBA), é necessária uma “investigação qualitativa pós-moderna” (Marín-Viadel; Roldán, 2012, p.32), buscando levar em conta algumas características fundamentais como utilizar elementos artísticos e estéticos, assim como outras maneiras de olhar e apresentar as experiências e desvelar aquilo que não está explícito.

Para Eisner (2008, p.10)

[...] o que as artes ensinam é que estes pormenores são realmente importantes. As artes ensinam a agir e a julgar na ausência de regras, a confiar nos sentimentos, a prestar atenção a nuances, a agir e a apreciar as consequências das escolhas, a revê-las e, depois, fazer outras escolhas”. Desse modo, esse tipo de pesquisa se torna luz para os pesquisadores que buscam por outras formas de pensar, construir e conduzir uma pesquisa dentro do campo da Educação e da Arte.

Neste diálogo, Gadamer (2007, p.11) ainda afirma que é necessário conhecer e aprofundar os conceitos que serão trabalhados durante a pesquisa, porque “[...] é preciso prestar contas de nossa pré-conceitualidade para o nosso filosofar [...]”. Ademais, em suas reflexões, a partir da abordagem das histórias de vida em formação, Dominicé (2010, p. 199) enfatiza que,

“[...] a história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional, e em consequência beneficia de tempos de formação contínua”.

Essas reflexões sobre pensar a pesquisa em artes como um campo de investigação pós-moderno possibilitaram entender o interesse crescente pelas Ciências Humanas e Sociais, como Educação, Sociologia e Psicologia, pelo biográfico em virtude da necessidade de criar um “novo território de reflexão reconhecido como exigindo novos métodos e suportes para o que chamamos de “biográfico”” (Josso, 2020, p.43).

Nesse contexto, a Pesquisa (Auto)biográfica, emerge como uma alternativa científica dentro do mundo social e subjetivo dos seres humanos. Portanto,

A pesquisa (auto)biográfica surge da necessidade de uma renovação metodológica em crítica à ciência tradicional com suas noções de neutralidade, predomínio da razão e distanciamento entre pesquisador e “objeto” de pesquisa. Tenta-se superar o método científico tradicional para o qual os problemas sociais podiam ser pesquisados e controlados como “coisas” simples partes de um todo, de forma fragmentada, negando o lado subjetivo e o caráter imprevisível da vida humana (Goldberg, 2016, p.55).

Assim, a partir do movimento iniciado entre os anos 70 e 80, tendo como pesquisadores Gaston Pineau (Canadá), Pierre Dominicé (Suíça), Marie Christine Josso (Suíça), entre outros, houve a emergência de uma nova abordagem denominada, nos países francófonos, de Histórias de Vida em Formação, que faz parte da corrente de pesquisa-ação-formação existencial no campo da Pesquisa em Educação.

Essa discussão se expande e no contexto brasileiro, a partir da década de 90, surge a “virada Biográfica em Educação” (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p.370) fortalecendo o movimento de deslocamento da Pesquisa (Auto)biográfica da zona circunscrita para uma posição de prestígio, criticamente situada e em constante transformação.

Na terra é onde a vida se revela

Figura 3 – Peneirar a terra barro. Processo de produção de geotintas.



Fonte: Vital, 2025.

A pesquisa que arquitetou as estruturas para a escrita deste relato foi desenvolvida, tendo a pesquisa narrativa (auto)biográfica com Josso (2004) e Pineau (2010), como um convite para a autoria, para o poético e para a criação no encontro entre a terra e a arte, e com Gadotti (2000) e Bateson (1986).

Refletir sobre esse processo de autoformação que atravessa inúmeras vezes a vida profissional dos docentes, me lembrou do prefácio presente no livro “Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela” da professora Cecília Warschauer, em que Luís Carlos de Menezes retoma a clássica pergunta: Quem Educa o educador?

E responde com os três mestres segundo Gaston Pineau: eu, os outros e as coisas. E quem forma o formador? As respostas são idênticas: o formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (auto-formação); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (hetero-formação); o formador forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (eco-formação) (Josso, 2004, p.16).

Josso (2004) revela que a metodologia da narrativa (auto)biográfica contribui “para o projeto de delimitação de um novo território de reflexão abrangendo a formação, a autoformação e as suas características, bem como os processos de formação específicos voltados para públicos específicos” (Josso, 2004, p.23).

Nesse contexto, pensando sobre como cada história de vida, cada percurso e processo formativo é singular de cada pessoa, apresento o relato da minha experiência artística no decorrer do processo de produção de geotintas que denomino de “Caminhos da terra”, na qual é organizada em 3 (três) séries denominadas de “Caminhos de Guará”, “Caminhos da Capivara” e “Caminhos de Itaparica”. Essas séries são compostas por desenhos criados com geotintas que foram produzidas após coleta de terra-barro nas cidades nordestinas do Ceará (cidade de Guaramiranga), Piauí (cidade de São Raimundo Nonato) e Bahia (Ilha de Itaparica) que visitei no decorrer da pesquisa do mestrado (Vital, 2025).

Esse processo me fez perceber a necessidade de conhecer e aprofundar sobre os conhecimentos artísticos e culturais como um aprofundamento reflexivo e dialógico, ao mesmo tempo que com meus pares e com outras pessoas com formações diferentes, como artistas e arquitetos.

Pineau (2010) compreende que essa necessidade de formar-se emerge à medida que o docente toma consciência do seu lugar na sociedade ao compreender que educação é uma

prática social que atravessa toda a vida humana e de ser um ator em permanente inquietação e interrogação. Assim, “a autoformação parece ser a expressão de um processo de antropogênese que extravasa as estratificações sociais e educativas tradicionais” (Pineau 2010, p. 92).

A partir desse movimento de busca por saberes que fogem da lógica padronizada, escolher mexer com o barro para extração de tintas é ter consciência de que é um processo de pesquisa delicado, com algumas etapas importantes que precisam ser seguidas com rigor e reflexão, todavia imbricadas de muita delicadeza, respeito e maravilhamento de quem manipula a terra.

À medida em que eu me experimentava, testava, pesquisava sobre a produção de geotintas, mais eu percebia o quanto esse processo estava relacionado com a minha própria história de vida. Mas, por que pesquisar sobre a terra?

Penso que para responder essa pergunta, preciso retornar ao ano de 2016, período que considero importante, pois me conduziu a uma direção diferente para pensar a relação com e na natureza. Nesse ano, eu estava como professora de bebês em um Centro de Educação Infantil e percebia o quanto as crianças gostavam de estar do lado de fora da sala. Foi uma época incomum, pois choveu bastante aqui no município de Fortaleza e, em virtude disto, muitos animais como, centopeias, piolhos-de-cobra, embuás, caramujos, aranhas, lagartas, começaram a surgir em abundância na escola. Então, eu percebi o quanto os bebês apreciavam observar como estes animais se deslocavam pelo espaço e como saiam de seus esconderijos por entre as frestas na areia.

Uma tarde, eu observava Josué (1a6m) brincando com algumas crianças maiores da turma do Infantil V. Eles seguravam finos galhos verdes e ensinavam a Josué como pegar um embuá sem precisar pegar nele, pois descobriram em um livro informativo sobre animais, que havia na sala de referência, quais podiam ou não pegar e que a ação de se enrolar em espiral era uma forma de defesa de alguns animais.

Assim, as crianças encostam a ponta do galho no embuá e ao fazerem isso, ele se enrolava. Logo após, eles suspenderam o embuá, enfiando um fino galho no meio da espiral, para observar os detalhes do seu corpo. Quando questiono Josué sobre o que ele estava fazendo ali com os outros amigos, ele vem ao meu encontro e demonstra como pegar os embuás sem tocar, utilizando suas múltiplas expressões, gestões e saberes aprendidos com as crianças mais velhas.

Considero esse episódio do Josué cheio de significados, principalmente por ele fiar um belíssimo fio que conecta uma ideia de espiralar o conhecimento (Vital, 2025). Bateson (1986), em seu livro “Mente e natureza”, nos oferece uma sensível e maravilhosa narrativa entre ele e sua filha Cathy, quanto à construção do conceito de espiral, trazendo valor ao pensamento competente da filha.

Quando minha filha Cathy tinha cerca de sete anos, alguém lhe deu um olho-de-gato na forma de um anel. Ela o estava usando, e perguntei a ela o que era aquilo. Ela respondeu que era um olho-de-gato. Eu disse, ‘Mas o que é isso?’. ‘Bem, eu sei que não é o olho de um gato. Suponho que seja um tipo de pedra’. Eu disse, ‘Tire o anel e olhe por trás dele’. Ela fez como eu disse e exclamou, ‘Oh, ele contém uma espiral! Deve ter pertencido a alguma coisa viva’. [...]. Cathy estava correta em sua principal premissa de que todas as espirais neste mundo, com exceção dos remoinhos, galáxias e ventos espiralados, são, na verdade, formadas por coisas vivas. Existe uma extensa literatura sobre esse assunto, que alguns leitores poderão ter interesse em consultar (as palavras-chave são séries de Fibonacci e seção dourada). O que vem à tona disso tudo é que a espiral é uma figura que mantém sua forma (isto é, suas proporções) à medida que cresce em uma dimensão através de adição no lado que é aberto. Como podem ver, não existem espirais verdadeiramente estáticas (Bateson, 1986, p. 20).

Essa perspectiva da espiral dá uma ideia de profundidade, em que as linhas cíclicas se alargam, mas não se tocam, que não é linear, que tem uma continuidade temporal e que se expande progressivamente entre uma volta e outra. É por meio dessa sutileza de um círculo-serpente que comunico que algo mudou dentro de mim, uma inquietação que me deslocou na contramão da lógica que afasta o homem da natureza e uma faísca se reacendeu dentro de mim.

Nesta trilha reflexiva Gadotti (2000) nos convida a pensar sobre os motivos da educação formal ocidental não ensinar as pessoas quase nada sobre a natureza. O que são embuás? Que rastros os caramujos deixam na superfície ao se deslocar? Quais os vestígios deixados pelos humanos nas praias, rios e lagoas? Nessa rota, em que me interrogo sobre como o mundo ocidental enxerga a relação com a natureza, percebo que a terra é mais que um processo vivido por mim, é um projeto que se relaciona com memórias, afetos e ancestralidade.

A pesquisa sobre a produção de geotintas, teve início a partir da inquietação sobre que tipo de terra tem uma boa pigmentação. Nesse percurso por entre leituras e formações virtuais com artistas, como Jhon Bermond e Denise Valarini, descobro que a terra que tem barro em sua composição é boa para a extração de pigmentos. Fiz uma pesquisa na internet sobre a geologia de algumas localidades próximas a cidade de Fortaleza, com o intuito de descobrir quais municípios têm presente a terra-barro em seu solo. Durante essa pesquisa descobri que o Maciço de Baturité possui grandes concentrações de terra vermelha.

Assim, ao longo dos meses de janeiro a abril, período de chuvas em que a terra-barro fica mais úmida, subo a serra para realizar a coleta da terra. Inicialmente, foram coletados manualmente alguns tipos de terra diferentes que tinham variações na coloração terracota (vermelho). Em seguida, eu macero por entre os dedos para testar a pigmentação. Por fim, utilizo água para testar se o pigmento é de boa qualidade, uma vez que quanto mais ele permanece nas mãos, melhor é a terra. Após vários meses de pesquisa, o meu olhar se torna mais apurado e sensível, de modo que já quase não realizo mais essa testagem.

Esse mesmo processo de recolha de material foi realizado em expedições à ilha de Itaparica, em Salvador, durante o evento do X CIPA, onde coletei terra preta e na Serra da Capivara, no município de São Raimundo Nonato, no Piauí, onde se encontra o maior Parque Nacional de pinturas rupestres, coletei uma pequena porção de terra amarela.

Assim, para essa pesquisa sobre/com a terra, realizei alguns processos para a criação de tinta a base de solos minerais. Após a coleta, as terras foram tratadas. Os pedaços maiores foram fragmentados por meio da maceração e peneirados para separar galhos, raízes e pedras da terra.

Em seguida, em um recipiente tampado, colocar a mesma medida de terra e de água e mexer. Logo após esse processo, coar essa mistura, utilizando um voil. A água e a argila passarão pelo tecido, e ficará a areia e um pouco de argila. A água com a argila deve ser coada em um tecido de algodão ou coador de papel. Por fim, abre-se o tecido, deixando secar e craquelar. Então, pode-se macerar novamente, obtendo o pigmento em pó de terra que pode adicionar água e mel para obter tinta (Vital, 2025).

Ao final de todo esse processo de produção de geotintas, estas foram utilizadas na criação de desenhos autorais que deram composição artística e estética ao trabalho de mestradoⁱ, ao mesmo tempo em que eu me percebia como professora-artista-pesquisadora.

Depositar a tinta sobre o papel

A pesquisa narrativa (auto)biográfica abriu em mim um universo de possibilidades, me guiando por um percurso de sensibilidade, cuidado, respeito e ética com a história de vida das pessoas e os seus percursos. Percebo que o diálogo entre essa abordagem e a pesquisa de geotintas, onde me constituo professora-artista, surge com o intuito de valorizar a nossa cultura que é tão diversa, rica e repleta de simbologias assim como afirma um movimento pela luta para a conservação e o cuidado com a natureza, uma vez que me senti convidada a pensar sobre

como esses solos são constituídos por seres, por vidas e por histórias que deixaram suas marcas nas minhas produções artísticas.

Nesse mesmo fio de pensamento, compreendo o quanto a arte e a estética são elementos culturais indispensáveis na vida dos seres humanos, animando e avivando-os. Por isso, é tão crucial que haja um retorno desse movimento político que atravessa o direito de adultos e crianças ao acesso a beleza, a ética, a estética, ao bem-estar, ao maravilhamento para que essas qualidades educativas que pulsam a vida não caiam no esquecimento não sendo mais possível reencontrá-las.

Esse movimento de animar a terra se encontrou com o estado de maravilhar-se e encantar-se com as experiências da vida, possibilitando aprendizados em relação ao mundo sensível e equilíbrio entre o pensar e o sentir em cada ser humano, na qual estas qualidades e propriedades da arte contribuíram para uma autoformação estética, crítica, política, criativa e da sensibilidade humana, enquanto me constituía professora-artista.

Figura 4 – Do chão à tela. Processo de criação.



Fonte: Vital, 2025.

Referências

- BARBIERI, Stela. *Territórios da invenção: ateliê em movimento*. 1. ed. São Paulo: Jujuba, 2021.
- BATESON, Gregory. *Mente e natureza: a unidade necessária*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1986.
- DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou: In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em retrospectiva: a virada hermenêutica*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

- GOLDBERG, Luciane Germano. *Autobiografismo: desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.
- HOYUELOS, Alfredo. *A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi*. São Paulo: Phorte, 2020.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. *Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais*. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.], v. 5, n. 13, p. 40–54, 2020. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n13.p40-54. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423>. Acesso em: 15 set. 2025.
- MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. *Arte, só na aula de arte?* Educação, [S. l.], v. 34, n. 3, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/9516>.
- MORELLI, Ugo. *Mente e beleza: arte, criatividade e inovação*. Allemandi: Turim, 2024.
- MOTTA, Xênia Fróes da. *Entre o visível e o invisível: Tempos e espaços da arte nas narrativas de professoras da Educação Infantil*. Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Niterói, 2022.
- PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. *Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização* Educação em Revista - UFMG, vol. 27, núm. 1, abril, 2011, pp. 369-386. Acesso em: 16 set. 2025.
- PINEAU, Gaston. *A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação*. In: NÓVOA, A. e FINGER, M. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRRN: Paulus, 2010.
- REY, Sandra. *Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais*. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: E. Universidade/UFRGS, 2002.
- ROLDÁN, Joaquín; VIADEL, Ricardo Marín. *Metodologías artísticas de investigación en educación*. Ediciones Aljibe, 2012.
- VECCHI, Vea. *Estética e aprendizagem*. In: HOYUELOS, Alfredo. *A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi*. São Paulo: Phorte, 2020.
- VITAL, Francisca Paloma Almeida. *Poéticas da docência: A arte e a formação estética nas narrativas (auto)biográficas de professoras da educação infantil*. Dissertação (mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Artes, Campus Fortaleza, 2025.

ⁱ O produto desenvolvido, como exigência do Programa de Pós-Graduação em Artes/IFCE, está disponível na plataforma do YouTube. Link: https://youtu.be/cyPQ_d1yu60?si=utlZQEpe3C5tVuXJ